



## **PRODUÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS E PARADIDÁTICOS NO ENSINO DA EDUCAÇÃO INDÍGENA NO MUNICÍPIO DE OIAPOQUE/AP**

Edilany Mendonça Vales<sup>1</sup>  
Agerdania Andrade de Souza<sup>2</sup>

### **RESUMO**

A análise sobre a aplicabilidade da produção de materiais didáticos e paradidáticos, perpassa pela ideia de autonomia do professor sobre a prática de docência para repassar o conhecimento pedagógico com a sua metodologia. O objetivo deste estudo é agregar os conteúdos trabalhados no âmbito acadêmico com a prática executada a partir da produção de materiais didáticos com recursos naturais e um e-book. O material foi desenvolvido no âmbito da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Campus-Oiapoque, portanto com este artigo pretende-se seguir as etapas: 1) Apresentação de conceitos, classificação geral e aspectos da elaboração de materiais didáticos; 2) Reflexão acerca dos conhecimentos tradicionais nas escolas indígenas e a formação de professores, autoria e produção de materiais didáticos para o ensino bilíngue; 3) Construção do material didático pedagógico; 4) Elaboração do e-book.

**Palavras-chave:** Interculturalidade. Materiais didático e paradidáticos. Cultura. E-book.

### **INTRODUÇÃO**

“Para a educação escolar indígenas, eu tenho que adaptar todo o meu material pedagógico, o material que chega na nossa comunidade não leva em consideração a realidade da nossa cultura, o material deve ser diferenciado e específico a partir da convivência, da realidade, um currículo diferenciado de acordo com o conhecimento dos alunos e a realidade de cada aldeia.”  
(Rosana dos Santos, professora indígena na aldeia Curipi)

A partir do dialogo no seminário do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena, sobre o Referencial Curricular Nacional que serve de subsídios para a elaboração de materiais didáticos específicos, diferenciados e interculturais para a escola indígena, é possível perceber na fala da professora indígena que os materiais de

---

<sup>1</sup> Professora do Magistério Superior; Mestre, Licenciada em Geografia; Especialista em Educação Especial e Inclusiva e Curso de Licenciatura Intercultural Indígenas da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP, [edilany.mvales@gmail.com](mailto:edilany.mvales@gmail.com).

<sup>2</sup> Professor do Magistério Superior; Doutorando, Curso de Licenciatura Intercultural Indígenas da Universidade Federal do Amapá - UNIFAP, [as.unifap@gmail.com](mailto:as.unifap@gmail.com)



apoio pedagógico recebido nas aldeias não contemplam a realidade da comunidade, dessa forma cada professor, tem sua própria elaboração de material didático, e atividade de consolidação dos conteúdos, a partir dos conhecimentos tradicionais nas escolas indígenas e de forma bilíngue sugerindo o ensino-aprendizagem da primeira língua materna.

Sabe-se que, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, retrata a educação escolar para os povos indígenas no artigo 32, e reproduz o direito estabelecido no capítulo 210, da Constituição Federal que se refere: “O ensino fundamental será ministrado em língua portuguesa, assegurando às comunidades indígenas a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem”. Refletindo a cerca das leis em sala de aula, observamos que, a língua materna é mantida na maioria das comunidades indígenas do Município de Oiapoque. De acordo com alguns professores indígenas no seminário as crianças, até atingirem a idade escolar, falam exclusivamente sua língua materna e ao entrarem na escola, deparam-se com professores monolíngue e, muitas vezes despreparados para lidar com o ensino da língua materna, daí a importância do curso do Intercultural Indígena, que forma indígenas para retornarem a suas aldeias, no intuito de valorizarem a sua cultura, e principalmente a língua materna.

Algumas aldeias estão perdendo o contato com a língua materna, os materiais que chegam prontos para serem utilizados em sala de aula, retrata exemplos distantes do que se vivencia na aldeia e todo o material não é na língua materna, assim, os indígenas consideram a extinção da língua como a perda de todo um sistema de conhecimento repassado de geração a geração.

É notório que, o objetivo deste artigo é fortalecer às práticas de produção de materiais didáticos e paradidáticos na língua materna de cada comunidade indígena no município de Oiapoque/AP, destinado a auxiliar o processo de ensino e aprendizagem neles incluindo os conteúdos culturais.

Sendo reforçado pelo pensamento de Paulo Freire que no livro a “Pedagogia da Autonomia”, no que diz respeito aos saberes necessários à prática educativa. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender (FREIRE, 2018, p.25). Ele demonstra que toda e qualquer ensino está permeado de valores, então os conhecimentos tradicionais nas escolas indígenas, deve ser sempre valorizado.



Portanto, os materiais didáticos e paradidáticos conseguem alcançar o ensino de forma eficaz, pois tem essa função inovadora, a metodologia diferenciada, sendo o motivador da aprendizagem. Para que ocorra mudanças positivas no âmbito educacional das aldeias é necessário a mobilização na formação dos professores, aprendendo a importância de adaptar os materiais pedagógicos, tornando o ensino mais dinâmico e interessante utilizando os recursos naturais encontrado na aldeia.

As funções do material didático, pelo pressuposto de Nérici (1971, p.402) são:

1. Aproximar o aluno da realidade do que se quer ensinar, dando lhe noção mais exata dos fatos ou fenômenos estudados;
2. Motivar a aula;
3. Facilitar a percepção e compreensão dos fatos e conceitos;
4. Concretizar e ilustrar o que está sendo exposto verbalmente;
5. Economizar esforços para levar os alunos a compreensão de fatos e conceitos;
6. Auxiliar a fixação da aprendizagem pela impressão mais viva e sugestiva que o material pode provocar;
7. Dar oportunidade de manifestação de aptidões e desenvolvimento de habilidades específicas por parte dos alunos;

Ao se deparar com os materiais didáticos adaptados, o professor indígena perceberá que estar inovando, não abrindo mão dos recursos encontrados na natureza, seguindo o conceito de Nérici que classifica como material de trabalho importantíssimo, sendo menos técnico e mais prático valorizando os saberes tradicionais de cada aldeia. A Interculturalidade também perpassa na garantia de a escola poder ser um local que reflita, discuta, e valorize o cotidiano dos povos indígenas, com a possibilidade de ser integrada no processo educativo. O estudo faz a apresentação de atividades desenvolvidas na disciplina de Desenvolvimento e meio ambiente (Produção de material didático e paradidático), realizada no Curso de Licenciatura Intercultural indígena, onde as aulas agregaram os conteúdos ministrados em sala para a realidade dos povos indígenas, representados pelas aldeias: Aldeia Santa Izabel, Aldeia Manga, Aldeia Curipi, Aldeia Kumenê, e Território Waiãpi e a Terra Indígena Rio Paru d'Este, relacionando os conteúdos estudados com a prática.

## **METODOLOGIA**

### **Caracterização da área de estudo**

Do ponto de vista metodológico, partimos da premissa que a matriz curricular voltada para formação de professores Indígenas, divide-se em: Linguagens e Códigos; Ciências Humanas, ou Ciências Exatas e da Natureza. No *campus* Binacional, no



Município do Oiapoque, na Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Os discentes indígenas da construção do e-book fazem parte do Campo da ciência Humana e compartilharam nos materiais construídos em sala de aula os conceitos inerentes à geografia e a etnocartografia.

A etnocartografia permite sintetizar a ciência e o conhecimento tradicional, agregando à complexidade cultural e formalização territorial. Quando o professor indígena em formação representa seu espaço, ele demonstra o ordenamento territorial, socializando com o conhecimento da comunidade.

A cartografia sempre esteve fortemente relacionada com a conservação biológica, com o planejamento e gestão do território e área protegida, aliado ao pensamento de desenvolvimento sustentável. A vista disto, ninguém melhor do que o próprio professor indígena para elaborar seu material didático, como os mapas etnocatograficos, podendo evidenciar as dimensões sociais, culturais, políticas e econômicas dos etnomapas para ministrar a aula com legitimidade, pois o material produzido estará em consonância com sua própria concepção e sentimento de território, favorecendo a socialização do conhecimento. Chapin (1998), afirma que os mapas confeccionados por comunidades indígenas se constituem numa importante ferramenta de luta na reivindicação de direitos, e o próprio esforço para confecção destes mapas serve para alimentar o espírito de organização e cooperação, sendo que estes mapas podem dar uma ideia de como estes povos gerenciam suas terras.

No artigo em questão, é necessário pensarmos a realidade vivenciadas pelos alunos indígenas, moradores do município de Oiapoque, localizado numa área fronteiriça na região Norte do Estado do Amapá, com área de 22.625 km<sup>2</sup> de extensão e sua população, está estimada em 26.627 habitantes (IBGE, 2020). Trata-se de um local que recebe alunos de todas as regiões do Brasil, são famílias que chegam atrás de melhores condições de vida, ou para aventurar-se no país vizinho, acarretando num fluxo migratório. No âmbito indígenas, as disciplinas são ministradas nas suas respectivas aldeias, não havendo a necessidade dos alunos indígenas procurarem as escolas do Município de Oiapoque/AP.

### **Delimitação da área de estudo**

A pesquisa foi realizada com 17 (dezessete) discentes, pertencentes a 06 (aldeias), Aldeia Santa Izabel, Aldeia Manga, Aldeia Curipi, Aldeia Kumenê, e



Território Waiãpi e a Terra Indígena Rio Paru d'Este, indígenas acadêmicos do Curso Intercultural Indígena; da Unifap, *campus* Binacional de Oiapoque/AP. Todos os materiais adaptados foram produzidos *in loco*, durante as aulas da disciplina de Desenvolvimento e Meio Ambiente, com subsídios para a elaboração de materiais didáticos específicos, diferenciados e interculturais para a escola indígena.

### **Processo metodológico**

Inspirados no pensamento do autor (FREIRE, 2018, ps.21-22) “Ninguém educa ninguém e ninguém se educa sozinho. A educação, que deve ser um ato coletivo, solidário, um ato de amor”. Neste sentido a educação é uma troca de informações, de conhecimentos coletivos, é necessário o envolvimento, é necessário instigar esse olhar quando se trata de formação de professores, pois não é algo isolado, é uma junção de fatores que envolvem o processo de ensino e aprendizagem nas escolas indígenas. Portanto, a disciplina de Desenvolvimento e Meio Ambiente do Intercultural Indígena, desenvolveu atividades com método e prática pedagógicas na etnociência, agregando os saberes e conhecimentos dos povos indígenas para construir seus próprios materiais didáticos e paradidáticos. Então, juntamente com os discentes indígenas organizou-se um seminário com as apresentações dos temas abordados no ensino indígena, a partir das apresentações criamos um e-book digital e impresso para mostra pedagógica.

### **Produção do material didático e paradidáticos para o ensino indígena**

Nesta perspectiva fizemos de acordo com a abordagem de (FERREIRO, 2001, p41). “É preciso reanalisar as práticas”. Então, o recurso utilizado pelos discentes indígenas para a construção de seus materiais didáticos e paradidáticos foram recursos extraídos da natureza como: sementes, tinta de jenipapo, folhas de plantas da região e penas de pássaros encontradas no meio das plantações. Alguns produtos comerciais como: Papel A4, lápis de cor, e tesoura.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

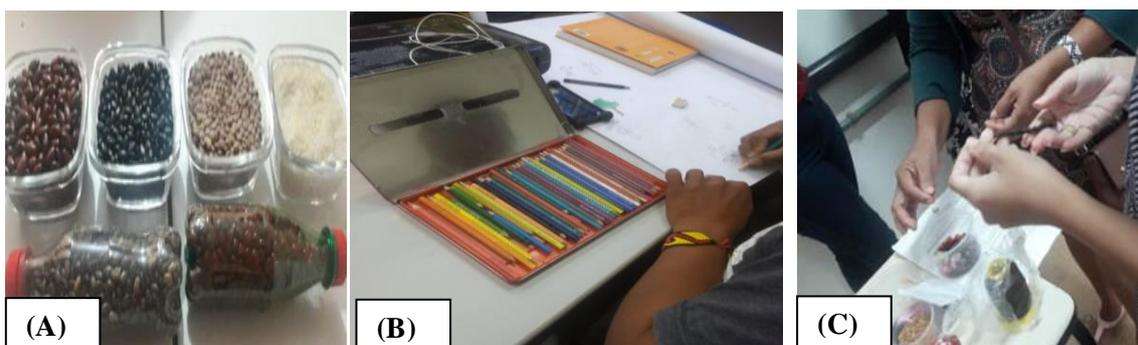
### **Construção do material didático**

De acordo com Freire “A educação tem que ser democrática, corajosa, que levasse o homem a uma nova postura diante dos problemas de seu tempo e de seu espaço”.



(FREIRE, 1967, p.93). Nesse sentido, pensando na formação docente, observou-se que os acadêmicos indígenas que construíram os seus próprios materiais didáticos e paradidáticos, a partir do desenvolvimento sustentável conseguiram entender que precisam e devem valorizar os recursos encontrados na natureza, que para eles é de fácil acesso. Na elaboração de seus materiais didáticos, representados nas (Figuras 1A, 1B e 1C) eles foram criativos, críticos e participativos, respeitando as opiniões de cada etnia, cada um com suas diferenças e diversidades.

**Figura 1** Elaboração de materiais didáticos com recursos da natureza



Fonte: autores

Diante desta questão, é possível observar a transformação no campo da formação docente, a partir da construção de novas técnicas que possibilitam o desenvolvimento do processo educativo. As etnias indígenas presentes na elaboração do material didático iniciaram com uma reflexão a cerca da atuação dos professores indígenas, dialogaram sobre os aspectos relevantes da história e da cultura do seu povo, e dos temas considerados significados nas várias áreas do conhecimento, foi possível fazer uma abordagem interdisciplinar.

Quanto às mudanças no campo curricular da formação docente, verificam-se novas temáticas, tais como gênero, raça, meio ambiente e diversidade cultural. Nesse cenário de mudanças, os projetos de formação passaram a incorporar metodologias que buscam contextualizar os processos formativos às necessidades político-pedagógicas das escolas, possibilitando, assim, terem estas um espaço para a reflexão crítica das práticas educativas (LIMA, 2011)

Nesse sentido, a produção do material didático, propunha-se que professor indígena retratam-se a sua realidade no âmbito escolar, do ensino indígena, a partir do cotidiano da aldeia e dos conhecimentos prévios, elaborando propostas inovadoras para o



processo de ensino e aprendizagem, que incluísse conteúdos e metodologias, que levasse em conta o currículo diferenciado para as escolas indígenas.

Pois, torna-se imprescindível que na formação docente, a compreensão do documento do Ministério da Educação (MEC), sobre os professores indígenas:

... têm a difícil responsabilidade de incentivar as novas gerações para a pesquisa dos conhecimentos tradicionais junto aos membros mais velhos de sua comunidade, assim como para a difusão desses conhecimentos, visando sua continuidade e reprodução cultural; por outro lado, eles são responsáveis também por estudar e compreender, à luz de seus próprios conhecimentos e de seu povo, os conhecimentos tidos como universais reunidos no currículo escolar (Brasil, 2002a, p. 20-21).

A valorização dos conhecimentos tradicionais de um determinado grupo é muito importante, uma vez que, além de propiciar o resgate de saberes que, por vezes, vão sendo esquecidos com o tempo, proporciona também o fortalecimento cultural da comunidade (KOVALSKI; OBARA, 2013).

Sob a perspectiva do conhecimento tradicional dos povos indígenas, constitui dentro das comunidades que vivem em contato com a natureza e vida não urbana.

De acordo com Toledo, eles apresentam todos ou parte dos seguintes critérios:

(a) são descendentes dos primeiros habitantes de territórios que foram conquistados durante os Descobrimentos, (b) são povos dos ecossistemas, tais como agricultores, pastores, caçadores, extrativistas, pescadores e ou artesãos que adotam uma estratégia multiuso na apropriação da natureza, (c) praticam formas de produção rural de pequena escala e intensiva em trabalho, produzindo pequenos excedentes, apresentando necessidades satisfeitas com reduzida utilização de energia, (d) não dispõem instituições políticas centralizadas, organizam suas vidas a nível comunitário, tomando decisões em base de consenso, (e) compartilham língua, religião, crenças, vestimenta e outros indicadores de identificação assim como uma relação estreita com seu território. (f) apresentam uma visão de mundo específica consistindo de uma atitude de proteção e não-materialista em sua relação com a terra e os recursos naturais baseada num intercâmbio simbólico com o mundo natural, (g) são dependentes de uma sociedade e cultura hegemônicas e (h) identificam-se como povos e comunidades tradicionais.

O pensamento sobre conhecimento tradicional e que deve ser trabalhado na sala de aula, está presente na ideia de diversos autores como Chassot (2006), Santomé (1995), Perrelli (2008) e Baptista (2010). Onde o eixo principal é a diminuição do distanciamento entre a educação formal e o cotidiano dos acadêmicos. Lopes (1999, p.137) enfatiza que “[...] o conhecimento cotidiano, como todos os demais saberes sociais, faz parte da cultura e é construído pelos homens das gerações adultas, que o transmitem às gerações sucessivas, sendo a escola um dos canais institucionais dessa transmissão.”



A educação escolar indígena deve ser significativa e respeite as especificidades de cada etnia, é importante que se desenvolva novas concepções, dinâmicas e mecanismos que considere cada particularidade e que consiga valorizar a identidade de cada povo, fortalecendo as culturas das comunidades indígenas.

É necessário a criação de uma nova racionalidade, um novo saber, capaz de proporcionar uma reapropriação do mundo, pautado em valores que superem a dicotomia conhecimento tradicional/conhecimento científico e humanidade/natureza, propiciada pelo diálogo de saberes. Este, por sua vez, pode ocorrer por vários vieses, como confrontação, antagonismo, encontro, intercruzamento, complementação ou mais comumente como uma hibridação de saberes (LEFF, 2001; LATOUR, 1994).

Assim, se vê a necessidade de comparação do conhecimento científico com outras formas de saber para “rebalancear aquilo que foi desequilibrado na primeira modernidade, a relação entre ciência e prática social” (SANTOS, 2004, p. 75). Pois na atualidade há um “desejo quase desesperado de complementarmos o conhecimento das coisas com o conhecimento do conhecimento das coisas, isto é, com o conhecimento de nós próprios” (SANTOS, 1988, p. 57), ou seja, agregar o conhecimento científico com elementos do conhecimento tradicional. Portanto, é importante que os docentes busquem soluções teórico-metodológicas que permitam aproximações com o conhecimento tradicional.

Na perspectiva construtivista de Piaget, o conhecimento é adquirido através da apreensão do ser humano sobre um objeto a partir da observação, para que daí se construa o conhecimento sobre outros objetos. Para Basso (2015) conhecer significa apropriar-se do meio, para isso é importante que o homem interaja no ambiente sobre o qual está inserido. Transformar este meio significa compreendê-lo, sendo algo que se dá a partir da ação do objeto sobre o objeto de conhecimento. Conhecer recai sobre o ato de equilíbrio e reequilíbrio, assimilar e acomodar sentidos entre o indivíduo e os objetos do mundo.

De acordo com Vygotsky, é através da linguagem, da relação com outros indivíduos e seus pensamentos particulares que são compartilhados, assim como suas experiências pessoais, que o indivíduo inserido em sociedade, se apropria do saber, sendo esse o resultado da interação com o meio.

A relação entre homem e mundo é uma relação mediada, na qual, entre o homem e o mundo existem elementos que auxiliam a atividade humana. Estes elementos de ligação são os signos e os instrumentos (...). Os signos



auxiliam nas ações concretas e nos processos psicológicos, assim como os instrumentos. A capacidade humana para a linguagem faz com que as crianças providenciem instrumentos que auxiliem na solução de tarefas difíceis, planejem uma solução para o problema e controlem seu comportamento. Signos e palavras são para as crianças um meio de contato social com outras pessoas (BASSO, 2015).

Por meio destas teorias compreende-se que o aluno indígena como sujeito constrói e reconstrói o conhecimento a partir de experiências de aprendizagem presentes no seu meio social, ou seja, ao se relacionar com novas experiências vivenciadas a sua volta, a prática da leitura, da construção de materiais didáticos permite a construção de novos conhecimentos.

A universidade deve ter como objetivo formar cidadãos críticos, com opiniões próprias e força de caráter. Isso, em grande parte, se dá com a leitura, e a produção de materiais didáticos, quando os conhecimentos de mundo se ampliam prazerosamente, e não ocorrem por imposição. Através da leitura o aluno pode desvendar a existência ao seu redor, e, ao romper seu horizonte de expectativas, amplia seu universo de entendimento. Braga e Silvestre (2002, p. 20) enfatizam que

Para formar um leitor e um produtor de textos competente e autônomo, capaz de compreender e interpretar aquilo que lê, construir significados e transformá-los em palavras, exige-se do professor uma intervenção adequada, contínua e explícita durante toda a vida escolar do aluno. E essa intervenção deve ocorrer de forma coerente e sistemática antes, durante e depois das atividades de leitura e produções.

Assim, ao ler e escrever um texto, ao buscar produzir materiais didáticos e expressar oralmente um pensamento, está-se sempre e concomitantemente, estimulando e (re) significando a capacidade de pensar, mas isso só se realizará de fato, quando tanto o acesso à mensagem já construída, a criação de uma nova, realizem-se “dialogando”, diretamente, com o conjunto de significados já existentes em cada um de nós.

### **Seminário em sala de aula**

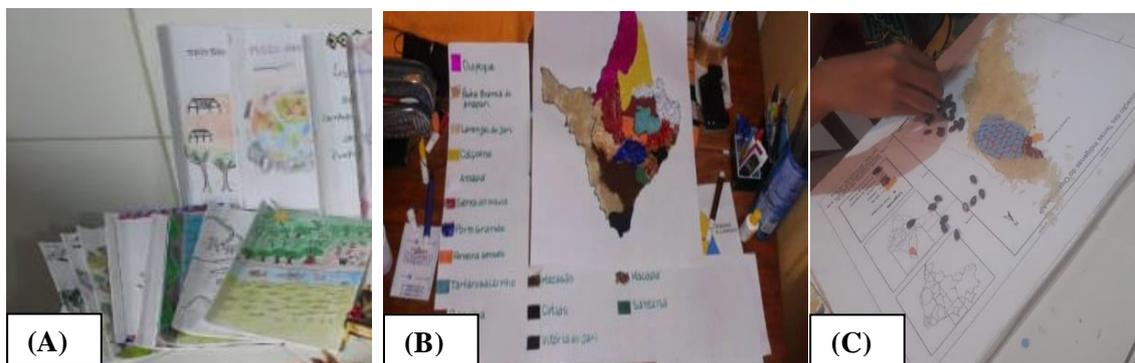
As aulas que antecederam o seminário foram a criação do material didático, com os conceitos estudados, o seminário representados nas (Figuras 2A, 2B e 2C) serviu para esclarecimentos, orientações e discussões dos conceitos dos temas estudados, dialogando com as experiências indígenas. No dia da realização de todos os seminários, organizamos a sala de forma diferenciada, deixamos as carteiras em forma de círculo, para dialogo mais proximal, pois o objetivo do seminário era promover um processo de



autonomia, compartilhamento de experiências e responsabilidades com os processo de ensino e aprendizagem com o ensino indígena.

Diante de tais especificidades, é importante que a formação de professores indígenas de nível superior esteja pautada numa proposta de ensino ancorada numa perspectiva educacional voltada para a realidade das comunidades indígenas, num constante diálogo intercultural entre saberes diversos, como o conhecimento científico ocidental e distintos conhecimentos indígenas. Trata-se de habilitar professores indígenas para o exercício da docência nas escolas das aldeias, respeitando-se a cosmovisão, os valores e o legado de conhecimentos das diferentes etnias (JANUÁRIO, 2003).

**Figura 2** Alguns materiais dos seminários



Fonte: autores

A metodologia adotada contempla elementos necessários para a explanação oral, criatividade dos grupos corroborando com os teórico-metodológico que foram desenvolvidos com o seminário. Configurando um ambiente propício de exemplificação e desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos indígenas.

A interação entre docente e discente é a origem da reorganização e elaboração do conhecimento bem como, a organização em grupos de trabalho para a troca de experiências no seminário, num ambiente acolhedor e afetivo para o desenvolvimento da explanação do material elaborado. A ação pedagógica deve reconhecer que cada aluno indígena tem suas peculiaridades, dificuldades ou facilidades para a resolução de conflitos, além de habilidades para desenho, contagens de histórias e cálculos diferenciadas. A universidade é o espaço que irá sugerir aos professores em formação suas aptidões. O professor que constrói seu planejamento inclui em seu fazer um modo próprio de tornar a aprendizagem um processo autônomo.



É papel do professor é fazer com que os alunos percebam o que vem em mente quando leem, a escolha do que se ler, e o que produziu como material didático, numa rotina de leitura e produção que faça o aluno indígena sentir-se inserido na atmosfera do que leu e sujeito do que escreve e o que produz.

Para Sousa (2008, p. 104),

A estratégia de conexão permite ativar seu conhecimento prévio fazendo conexões com aquilo que está lendo. Assim, lembrar fatos importantes de sua vida, de outros textos lidos e de situações que ocorrem no mundo, em seu país, em sua cidade, ajuda a compreender melhor o texto em questão.

Devemos partir de conhecimentos prévios para a formação de indivíduos atuantes socialmente, um trabalho que exige do professor um exercício laboral e que surti efeitos decisivos nas vidas de seus alunos. Educar ainda tem sido um instrumento de poder, no sentido em que a autonomia geradora do pensamento crítico está nas mãos do professor, que pode optar em produzir transformações ou se aquartelar nos vazios produzidos pelas classes dominantes e políticas deste país.

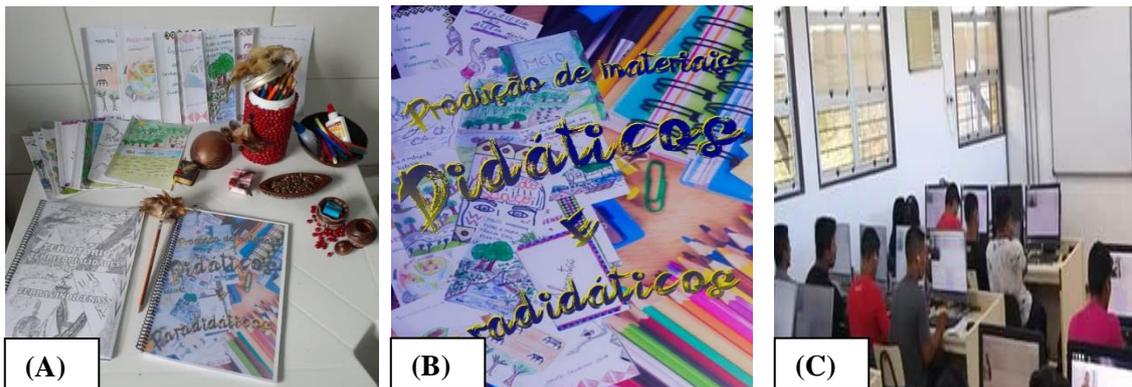
Acreditamos que, a produção do material didático produzidos em sala de aula, retratou o passado, o presente e o futuro, os professores indígenas em formação demonstraram suas habilidades, memórias, visão, histórias e cultura. Mapearam memórias e visões, representando a cosmovisão, expressando as relações físicas, cultural, social da comunidade, resgatando e preservando as culturais ancestrais das aldeias do Oiapoque/AP.

### **Elaboração do E-book**

Ao planejar a organização do E-book, foi importante atentar para o fato de que a sala de aula não é uniforme do ponto de vista cultural, pelo fato de várias aldeias retratarem suas tradições de acordo com seus saberes, os alunos indígenas tiveram a oportunidade de exporem suas experiências e opiniões, produziram o material didático de forma manual e com os recursos da natureza, e o e-book eles utilizaram a sala de informática para pesquisarem sobre diversos modelos de e-book e suas estruturas, no final da produção digital, foi feito as versões impressas e compartilhadas com os demais colegas do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena por meio da mostra pedagógica de acordo com a respectiva figura 3 (3A, 3B,3C).



**Figura 3** E-book produzido em sala de aula



Fonte: autores

É notório que, a globalização e a convergência tecnológica vem ganhando destaque como temas abordados na formação de professores, então, na elaboração do e-book, os alunos indígenas refletiram a cerca do surgimento dos livros digitais que possibilitam e facilitam o processo de ensino e aprendizagem, não considerando o material digital como substituto do material impresso, propomos o uso dos dois meios e de forma conjunta, mostrando as vantagens da versão digital para alcançar um público.

O acesso dos alunos aos recursos digitais de leitura e sua frequência no cotidiano familiar sinalizam o avanço do processo de midiatização em andamento na sociedade contemporânea, sem necessariamente extinguir as mídias impressas, como bem asseveram as lições de Braga (2006). No cotidiano das escolas indígenas, vai ser possível produzir diversos materiais didáticos, a partir dos conhecimentos adquiridos e compartilhados em sala de aula, e socializado através das mídias digitais. Dessa forma, o professor indígena em formação, voltou para a comunidade com diversas apostilas, livros, mapas etnocartográficos, e cartazes com diversos temas abordas na área da ciência humanas, e o e-book digital.

Libâneo (2003) afirma que as diversas transformações que ocorreram na sociedade contemporânea incidiram fortemente na educação, aumentando assim, os seus desafios para transformar as práticas tradicionais e propiciar uma educação voltada para o desenvolvimento humano, cultural, científico e tecnológico, de maneira que possa dar condições para o individuo enfrentar o mundo globalizado. Em efeito, exige-se de seus profissionais e de outros grupos sociais, esforço constante na construção dessa nossa realidade.



Neste contexto, a educação necessita adapta-se para essas mudanças, abrindo espaço para uma instituição mais democrática e articulada com seu coletivo; exigindo uma ressignificação do agir pedagógico, isto é, muda de sua prática tudo aquilo que exclui e que impossibilita a inovação e a autonomia profissional, mas a mudança sempre é algo difícil, principalmente para os que estão envolvidos no processo, visto que muitos costumes permanecem arraigados tornando-se obstáculos nessa perspectiva de transformação no âmbito da educação. Dessa forma, pode-se inferir que neste contexto manifesta-se, um dos dilemas do ensino indígena que é o de abolir do cenário educacional as práticas excludentes as quais ainda perduram na educação.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

É importante ressaltar que, esse estudo aprofundou-se na elaboração dos materiais didáticos e paradidáticos, e o e-book produzidos em sala de aula na Universidade Federal do Amapá (UNIFAP)-Campus Oiapoque/AP, com o intuito de refeltir, discutir e demonstrar a necessidade da autonomia do professor indígena em formação, que vislumbrar preservar e revitalizar a língua materna, valorizar os saberes indígenas como estratégias específicas de resistência e afirmação das suas identidades étnicas em sala de aula.

Nessa perspectiva, é importante elencar que os materiais produzidos na disciplina contribuíram de forma significativa com o conhecimento técnico e científico, proporcionando o acesso às múltiplas manifestações culturais das etnias representadas pelos 17 (dezessete) alunos indígenas presentes na elaboração dos materiais, ampliando horizontes no ensino indígena, diversificando espaços e propondo a análise do desenvolvimento sustentável a partir do uso dos recursos naturais, e sobretudo o envolvimento dos recursos culturais e humanos.

As práticas sociais exigem dos indivíduos presença curiosa sobre as estruturas e requer uma ação transformadora da realidade. Entende-se que a produção do material didático também traz em seu conceito a reação das massas, o incômodo e uma vontade de refazer o que está feito.



## REFERÊNCIAS

BANDEIRA, D. **Material didático**: conceito, classificação geral e aspectos da elaboração. In/. CIFFONE, H. (Org.). Curso de materiais didáticos para smartphone e tablet. Curitiba, IESDE, 2009. P. 13-33.

BASSO, Cíntia Maria. **Algumas reflexões sobre o ensino mediado por computadores**, 2013. n.p. Disponível em: <[www.ufsm.br/lec/02\\_00/Cintia-L&C4.htm](http://www.ufsm.br/lec/02_00/Cintia-L&C4.htm)>. Acesso em: 24 jul. 2015.

Baptista GCS. 2014. Do cientificismo ao diálogo intercultural na formação do professor e ensino de ciências. Revista Interações, 31: 28-53.

BRAGA, M. R.; SILVESTRE, M. F. B. Construindo o leitor competente: atividade de leitura interativa para a sala de aula. São Paulo: Peirópolis, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação. **Referencial curricular nacional para as escolas indígenas**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para as escolas indígenas**. Brasília, 2002.

BRAGA, J. L. Mediatização como processo interacional de referência. **Animus**, 2006. Disponível em: <http://periodicos.ufsm/index.php/animus/article/viewFile>. Acesso em: 01 set., 2016.

Chassot A. 2006. Alfabetização científica: **questões e desafios para a educação**, 4 ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 436 p.

Chapin, M., 1998. Indigenous Land Use Mapping in Central America. Arlington (Va): Center for the Support of Native Lands, pp.195-209.

FERREIRO, E. 2001 Reflexões sobre Alfabetização. Editora Cortez 24ª Edição

FREIRE, Paulo. A pedagogia da autonomia. São Paulo: **Paz e Terra**, 2007.

FREIRE, P. Autonomia da Pedagogia: **saberes necessários a prática educativa**. 57. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

JANUÁRIO E. Formação de professores indígenas em nível superior: A experiência do 3º grau indígena In: RAMOS, M., N. et al. (orgs.). **Diversidade na educação: reflexões e experiências**. Brasília: MEC, p. 123-128, 2003.

LEFF, E. **Epistemologia Ambiental**. São Paulo: editora Cortez, 2001.



LIMA, E. S. Educação contextualizada no semi-árido: **construindo caminhos para formação de sujeitos críticos e autônomos.**( monografia) Faculdade Santo Agostinho, Teresina, 2009.

Lopes ARC. 1999. Conhecimento escolar: ciência e cotidiano. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 236 p.

NERICI, I. G. Introdução à Didática Geral. São Paulo: **Fundo de Cultura**, 1971.

Santomé, JT.1995. As culturas negadas e silenciadas no currículo. In: Silva, T T (Org.), Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação, 6 ed, Petrópolis: Vozes, p. 159-177.

SANTOS, B. S. Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna. Estud. av., São Paulo, v. 2 n .2, p. 46-71, maio/ago. 1988. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/ea/v2n2/v2n2a07.pdf>>. Acesso em: 18/07/2020.

SANTOS, B. S. **A universidade no século XXI:** para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade. São Paulo: Cortez, 2004.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO. FORMAÇÃO MAGISTÉRIO INDÍGENA. Um caminho do meio: da proposta à interação. São Paulo: USP/FAFE,2003.

SOUSA, Renata Junqueira. **Letramento literário: uma proposta para a sala de aula.** 2008. Disponível em:  
<<http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40143/1/01d16t08.pdf>>.  
Acesso em: 18.07.2020.

Toledo VM, Barrera-Bassols N. 2009. A etnoecologia: uma ciência pós normal que estuda as sabedorias tradicionais. Desenvolvimento e Meio Ambiente, 20:31-45. Toledo VM. 2001. Povos / Comunidades Tradicionais e a Biodiversidade. Tradução de Antônio Diegues. In: Levin, S et .al., (eds.). Encyclopedia of Biodiversity. México: Academic Press. Disponível em: Acesso em: 18.07.2020